

## O CONSTRANGIMENTO DO PROFETA E O ARREPENDIMENTO DOS NINIVITAS

### Jonas capítulo 3

Segunda vez! Essa expressão teve um profundo significado na vida e na missão de Jonas, assim como poderá ter na vida de cada um de nós, na medida em que levarmos em conta o que aconteceu a Jonas(Jn 1 e 2), e também o que tem acontecido no nosso relacionamento com Deus. Um sinal significativo da graça divina é o fato de que Jonas não apenas foi perdoado e pessoalmente restaurado, mas também reconduzido à sua missão no serviço do Senhor. Aqui também encontramos um paralelo com o apóstolo Pedro. Restaurando Jonas ao ponto de reinstalá-lo no exercício de sua missão, que ele havia tão prontamente recusado afastando-se da presença de Deus(Jn 1.3), o Senhor o trata de forma semelhante a que tratou Pedro depois que este o negou três vezes(Jo 18.17,25-27): “...*Apascenta as minhas ovelhas.*”(Jo 21.15-17). A semelhança termina aí, ou seja, a semelhança é apenas no que se refere ao caráter de Deus manifestado nos dois casos: O Senhor prontamente aceita a confissão de nossa culpa, nossas expressões de tristeza pelo pecado cometido e afasta de nós todo o medo de não sermos mais aceitos por Ele. Através do pleno e livre perdão nos dá a mais completa reconciliação. As reações subseqüentes de Jonas e de Pedro diferem muito entre si.

### O constrangimento do profeta

Pela segunda vez, o Senhor falou a Jonas: “*Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive e proclama contra ela a mensagem que eu te digo.*”(Jn 3.2). Na primeira vez, Deus deu a Jonas a razão da missão(Jn 1.2b). Parece que Jonas, ao ser informado das razões de Deus, se sentiu no direito de discordar. Não de Deus, mas das motivações da missão, que contrariavam totalmente sua ideologia, como vimos no capítulo 1. Desta vez, a palavra do Senhor a Jonas foi: “...*proclama contra ela (Nínive) a mensagem que eu te digo*”(Jn 3.2b). Assim, Deus não deixou muito espaço para os questionamentos ideológicos de Jonas. Deus, de certa forma, requereu dele que não se importasse mais com as motivações, nem dele Deus, nem do próprio Jonas, mas que se ativesse ao primordial: proclamasse a mensagem de Deus. Jonas levantou-se e foi, e aparentemente o foi, constrangido pela palavra do Senhor(Jn 3.3a). Mesmo não totalmente convencido e conquistado pelas

razões de Deus para a missão. A dura experiência no ventre do peixe o tinha transformado, pelo menos, em um profeta obediente. Conhecia agora, as conseqüências da rebeldia e da desobediência. Daí o seu constrangimento. Mas permanecia um conflito, não mais entre fé e razão, mas entre vontade própria e vontade de Deus. Não sabemos o que pesou mais para Jonas, nessa altura dos acontecimentos: Se o constrangimento produzido pelo amor de Deus, capaz de perdoar e salvar tão renitente pecador, gerando nele um sentimento de gratidão e de plena submissão e obediência, ou o temor produzido pela desesperadora experiência decorrente de seu desvio e desobediência, que também o constrangia, mesmo contra sua própria vontade, a fazer o que Deus agora ordenava (*manda quem pode, obedece quem tem juízo!*). Talvez não tivesse ainda ocorrido um processo de aprendizado com Jonas. Heine escreveu que “A História ensina, que nós não aprendemos com a História”.

Jonas se levantou e foi. Mas não havia misericórdia no seu coração. A manifestação da graça de Deus na vida de Jonas não produziu nele misericórdia para com os ninivitas. No entanto, na medida em que Jonas se levantou e foi a Nínive “...segundo a palavra do SENHOR”(Jn 3.3), ele teve condições de cumprir sua missão com sucesso. Este talvez seja um dos ensinamentos mais significativos do livro de Jonas. Nesse ponto da narrativa, fica claro que nada, a não ser a palavra do Senhor, importava. Pela palavra, Jonas se levantou e foi. Pela palavra, Jonas enfrentou as centenas de quilômetros de uma viagem perigosa e estafante. Pela palavra, Jonas arrostou a agressividade e rejeição de um povo inimigo de Israel. Pela palavra, ele enfrentou as tentações de novamente sucumbir aos seus próprios pensamentos e desejos. As dificuldades, os perigos, os medos, as ansiedades, deram lugar a supremacia da palavra de Deus. Mas, provavelmente, Jonas foi reclamando a cada passo da penosa viagem. “Deus podia fazê-lo ir, mas não podia fazê-lo gostar de ir.” Mesmo dessa forma ele pode chegar a seu destino e cumprir sua missão, proclamando a palavra do Senhor.

Em Jonas 3.3b, lemos que Nínive era cidade muito importante e que levava três dias para ser percorrida. Duas coisas devem ser consideradas aqui: A primeira diz respeito à importância da cidade. Embora Nínive fosse capital do grande império da Assíria, o texto não assinala que sua importância estava atrelada, necessariamente, a esse fato, e sim que Deus a considerava muito importante, ou seja, as pessoas ali importavam muito para o Senhor; O segundo aspecto diz respeito ao tamanho da cidade, pois se fossem necessários três dias de caminhada para ser

atravessada, ela de fato seria muito maior do que as informações históricas e arqueológicas indicam. No entanto, se considerarmos que um dia é para se chegar, outro para percorrer e visitar e o terceiro para sair, já não há muito problema com a afirmação da necessidade de três dias para percorrê-la. Jonas, não muito confortável com a sua missão, mas constrangido e não podendo abrir mão dela procurou, logo no primeiro momento, realizá-la da forma mais rápida possível: *“Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida”*(Jn 3.4b). A mensagem, a única proclamação que o livro de Jonas contém, incluía dois alertas bem claros e objetivos: O destino condenatório que viria e que podia significar destruição, como Sodoma e Gomorra, ou mesmo uma transformação traumática; E o pouco tempo que os separava desses acontecimentos terríveis. O fato é que, surpreendentemente para Jonas, a mensagem foi eficaz. Não creio que Jonas tenha truncado ou suprimido alguma parte da mensagem original que incluiria explicitamente a possibilidade de salvação e perdão mediante arrependimento. A mensagem adequava-se tanto ao pregador quanto aos ouvintes, cumprindo a premissa de Isaías 55.11: *“assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei”*. Com essa mensagem Deus se assegurava de que Jonas seria fiel, e que a dureza, a confrontação e a iminência do cumprimento da mensagem alcançariam o seu propósito para com os ninivitas. Jonas considerava agora que sua missão estava cumprida. Podia voltar para Israel ou apenas se afastar a uma distância suficientemente segura para observar os resultados. Mas isso é assunto do próximo capítulo.

### O arrependimento dos ninivitas

Podemos mencionar seis fatores que contribuíram para o grande despertamento e transformação que ocorreram em Nínive:

#### 1. O mensageiro

Não há mudanças se a palavra de Deus não for proclamada. E não há possibilidade da mensagem ser proclamada sem que haja um mensageiro. Em Rm 10.11-15, destacamos o trecho que diz: *“Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?”*. Os exemplos de Jonas, Pedro e mesmo Paulo, entre tantos outros, nos mostram que um passado de rebeldia e fracassos não é

impedimento para sermos usados hoje, poderosamente, se houver confissão, contrição, arrependimento e disposição de obedecer. Apesar de nós, mensageiros problemáticos, Deus ainda realiza maravilhas hoje.

## 2. A mensagem

Precisamos sempre fazer distinção entre mensagem e linguagem. A linguagem é o instrumento de codificação da mensagem para que esta possa ser transmitida do mensageiro para o receptor, de forma inteligível. Apesar das limitações do mensageiro e da linguagem, e também do próprio destinatário da mensagem (limitações essas chamadas de ruídos de comunicação), quando se trata de Deus falando e se revelando ao homem, ele mesmo cuida para que tais ruídos não impeçam nem deturpem o seu conteúdo. Assim, a mensagem que objetivava confrontação do pecado, e alertava para suas consequências funestas, ensejando uma necessidade de mudança, chegou com clareza aos destinatários. Era a palavra de Deus.

## 3. A fé

O texto nos diz que, após ouvirem a mensagem, *“Os ninivitas creram em Deus...”*(Jn 3.5a). O texto não diz que eles creram em Jonas, mas que creram em Deus! Aí está a origem e a causa do arrependimento: a fé que vem pelo ouvir a mensagem *“E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de (Deus)”*(Rm 10.17). Não há coração suficientemente duro que não possa ser amolecido por Deus, como não há pecador tão perdido que Deus não possa salvar. A fé nasce no coração de pessoas que nunca imaginaríamos, e nos lugares mais imprevisíveis e improváveis. Assim foi com Jonas e com os ninivitas.

## 4. O arrependimento e conversão

*“Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem”*(Hb 11.1). Os ninivitas haviam crido na palavra de Deus. Assim, passaram a esperar e temer, com convicção, a subversão que viria como consequência e castigo da iniquidade e malícia deles. A fé começava a operar para produzir arrependimento. Os primeiros sinais de verdadeiro arrependimento são as manifestações de tristeza, convicção de pecado, abatimento, e reconhecimento da justiça de Deus. Davi assim se expressou a respeito: *“Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mal perante os teus olhos, de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar”*(Sl 51.4). Os ninivitas se expressaram de início,

não com palavras, mas com atitudes que naquela época falavam mais alto que palavras: “...proclamaram jejum, e vestiram-se de panos de saco, desde o maior até o menor” (Jn 3.5b). Houve uma consternação geral e intensa, que se moveu de baixo para cima na escala social, chegando então ao rei, que ecoou e multiplicou o processo de arrependimento coletivo. A mudança daí conseqüente começa quando, por mandado do rei, o povo é instado a clamar fortemente a Deus e a se converter “...cada um do seu mau caminho e da violência que há nas suas mãos”(Jn 3.8). Este é também um exemplo da importância da mensagem chegar aos que estão investidos de poder temporal, pois podem exercer uma influência significativa sobre todo o povo.

#### 5. Oração

O verso 9 deste capítulo, registra uma oração tão ou mais profunda do que a de Jonas no ventre do peixe. A interrogação, longe de representar falta de fé é, como em Jn 2.4, a manifestação da convicção de pecado, que não lhes dá o direito de reivindicar nada de Deus. Apenas esperam na sua misericórdia. Essa é a oração que Deus ouve, à semelhança da oração do publicano: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador!”(Lc 18.13b). A disposição de mudança, associada à oração sincera, que espera tão somente na misericórdia de Deus, sem nada reivindicar, antecede a resposta que, de forma inesperada, revela a misericórdia de Deus. Eles reconhecem que Deus não tem nenhuma obrigação de perdôá-los, no entanto manifestam a esperança de que desvie deles a sua ira, e mude de idéia a respeito deles. Foi o que acabou ocorrendo.

#### 6. A resposta de Deus

“Viu Deus...”, é como começa o verso 10, lembrando a passagem em que Agar, fugindo de Sara, é encontrada por Deus no deserto e o adora dizendo: “Tu és Deus que vê”(Gn 16.13). Deus a tudo vê. Nada acontece sem que ele perceba. Seja o nosso pecado ou o nosso arrependimento sincero. Ele também ouve nossa oração. A mudança radical ocorrida no povo de Nínive, sua conversão genuína, fez com que Deus visse e mudasse de idéia. O uso da palavra ‘arrependimento’ soa problemática para muitas pessoas. Talvez a melhor forma de traduzir este texto seja a usada pela NTLH que diz o seguinte: “ ‘Talvez assim Deus mude de idéia. Talvez o seu furor passe, e assim não morreremos!’ Deus viu o que eles fizeram e como abandonaram os seus maus caminhos. Então

mudou de idéia e não castigou a cidade como tinha dito que faria”(Jn 3.9,10). O texto de Jeremias 18.7-11 explicita com clareza o verdadeiro sentido da expressão traduzida como Deus se arrependendo. Ou seja, os pronunciamentos proféticos de juízo não eram absolutos, mas condicionais. “O fato de que Deus muda de idéia aqui não representa um fracasso divino, mas revela seu sincero desejo de ser coerente com sua própria natureza imutável”. 2Pe 3.9, expressa a mesma idéia: “...ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento”. “Nínive foi salva não porque ela se arrependeu, não porque orou, não porque creu, mas por causa da infinita misericórdia e graça de Deus.” “Deus é, ao mesmo tempo, mutável e imutável. Ele é imutável porque é sempre um Deus de justiça e um Deus de misericórdia. Ele não pode repudiar a si mesmo. Ele condena o pecado e julga os pecadores, mas o seu julgamento é sempre temperado com misericórdia. Os pecadores têm oportunidade para arrepender-se.”